

Singularidades do tornar-se etnógrafo a partir de uma etnografia com crianças indígenas

Luciano Silveira Coelho

Universidade do Estado de Minas Gerais, Departamento de Ciências do Movimento Humano, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-1203-7826>

Introdução

O texto apresenta uma discussão sobre o fazer etnográfico com crianças a partir de uma trajetória de pesquisa com as crianças Pataxó em uma das aldeias situadas na terra indígena Fazenda Guarani, nas proximidades da cidade de Carmésia, no estado de Minas Gerais, Brasil. Tal estudo teve o intuito de revelar os processos de sociabilidade e aprendizagem dessas crianças em suas vivências cotidianas.

Para tanto, foi necessária uma aproximação com as produções acadêmicas contemporâneas que têm pesquisado as infâncias indígenas em uma perspectiva analítica¹ e que entendem as crianças como sujeitos sociais e plenos. Destarte, foi necessário o estabelecimento de um diálogo entre os campos da Etnologia Indígena e da Antropologia da Criança, com algumas produções antropológicas sobre as aprendizagens humanas, mais enfaticamente a Teoria da Aprendizagem Situada, de Jean Lave e Etienne Wenger (1991), e a Abordagem Ecológica, de Tim Ingold (2000).

A convergência de tais referenciais ofereceu um arcabouço teórico que apontou caminhos para um entendimento da aprendizagem como um processo essencialmente social e o conhecimento como algo que se estabelece e se constitui na prática da vida cotidiana. Esses referenciais possibilitaram análises importantes sobre o engajamento das crianças Pataxó em seis práticas presentes naquela aldeia: a caça, o trabalho agrícola, a produção e venda do artesanato, as tarefas domésticas, o futebol e as brincadeiras.

Como conclusão do trabalho foi possível inferir que as crianças Pataxó estão envolvidas diariamente em um interessante e complexo ambiente que lhes proporciona inúmeras aprendizagens que independem de um ensino deliberado para acontecer. Essa rica gama de aprendizagens se faz presente nesse contexto graças à participação efetiva das crianças nas práticas cotidianas, promovida por uma proximidade com os adultos e pelo acesso aos diferentes espaços da aldeia.

Com base em minhas experiências vividas no estudo em questão, este texto pretende discutir os limites, potencialidades e singularidades da pesquisa etnográfica com crianças, além de refletir sobre as nuances da aprendizagem do método.

Os Pataxó

Os primeiros registros sobre os índios da etnia Pataxó datam do século XVII, quando habitavam o sul da Bahia, Brasil. De acordo com o relato do viajante Maximiliano Wied-Neuwied (1989), em 1817, os Pataxó e outros povos estavam estabelecidos às margens do rio Mucuri. Quase sempre reunidos em pequenos grupos, viviam prioritariamente da caça e da coleta de alimentos (PARAÍSO, 1982).

No entanto, em 1861, os Pataxó experimentaram uma grande mudança em seus costumes quando Antônio Costa Pinto, presidente da Província da Bahia, determinou a concentração compulsória, em uma única aldeia, de toda a população indígena da região, a Aldeia Bom Jardim, que viria a ser denominada mais tarde de Aldeia Barra Velha, nas proximidades da foz do rio Corumbau e do rio Caraíva (VERONEZ, 2008).

1 Cf. Alvares (2001); Cohn (2000); Nunes (1999, 2002); Silva (2002); Silva (2011); Tassinari (2007).

Em 1943, a autonomia dessa comunidade ficou ameaçada quando as primeiras equipes técnicas do governo visitaram a região com o intuito de demarcar a área do Parque Nacional do Monte Pascoal (CARVALHO, 2009). Com a criação desse parque, os Pataxó tiveram uma redução significativa de seu território e foram proibidos de caçar, pescar, plantar roças e extrair a matéria-prima da mata para fazer o artesanato (CASTRO, 2008).

Essa situação levou a inúmeros embates com a polícia local e com os fiscais do governo. O mais violento desses conflitos, ocorrido em 1951, ficou conhecido como “Fogo de 51” e provocou a dispersão desse povo pela região (CARVALHO, 2009). Agrupados por laços consanguíneos, alguns Pataxó retornaram tempos depois para reconstruírem sua aldeia, mas a maioria buscou abrigos em fazendas, perambulou pela orla marítima, fugiu para cidade e, como forma de sobrevivência, muitos omitiram a identidade indígena (CESAR, 2002; VERONEZ, 2008).

Em 1975, as primeiras famílias Pataxó migraram para as terras localizadas nas proximidades do município de Carmésia, no estado de Minas Gerais. No período de execução da pesquisa (2009 a 2011), a terra indígena Fazenda Guarani se organizava em quatro aldeias: Sede, Alto das Posses, Retirinho e Imbiruçu. O contexto do estudo em questão restringiu-se à aldeia Sede, denominada pelos Pataxó como “Guarani”.

Alguns conceitos e compreensões

A assunção dos conceitos e teorias abordados neste trabalho está fundamentada no entendimento de que a densidade do texto etnográfico se revela a partir de um trabalho de campo devidamente embasado em um constructo teórico que proporcione uma compreensão mais refinada sobre o objeto de estudo em questão. Entretanto, fazer etnografia é, antes de tudo, fazer escolhas e, concomitantemente, renúncias. O contexto de pesquisa, o objeto de estudo, a fundamentação teórica, a análise dos dados, assim como a escrita etnográfica propriamente dita são marcados por decisões estritamente particulares do pesquisador.

A primeira decisão colocada pelo contexto de estudo foi a de não permanecer em campo por longos períodos ininterruptamente². Tais incursões foram divididas em dois momentos. O primeiro, denominado aqui “período exploratório”, foi realizado nos meses de abril, julho e outubro do ano de 2009. O segundo, ocorrido após a revisão do projeto de pesquisa, depois dos pareceres de qualificação e dos dados produzidos preliminarmente, foi entre os meses de março, abril, junho, julho e agosto de 2010. A opção de não permanecer em campo durante longos períodos se fez necessária, pois essas estadas eram realizadas nas casas das famílias que ali viviam. As idas e vindas ao campo evitaram desgastes desnecessários com as famílias anfitriãs e permitiram avaliações periódicas dos dados produzidos. Outra estratégia assumida foi a de me estabelecer, ao longo desse período, em casas diferentes, o que me permitiu um trânsito maior na vida cotidiana da aldeia.

2 O período mínimo de estada foi de quatro dias, em abril de 2009, quando fiz a primeira incursão ao campo para receber o consentimento das lideranças e da comunidade Pataxó sobre a pesquisa. O período mais longo foi em junho de 2010, quando permaneci por 20 dias na aldeia.

Escolhas como essas não podem ser tomadas de antemão, pois as relações estabelecidas em campo são únicas e particulares de cada pesquisa. Além disso, seria ingênuo afirmar que o produto do trabalho de um etnógrafo depende unicamente de sua capacidade de agência. Tomando por base a experiência de campo de Evans-Pritchard (1978) com o povo Azande, sobre a qual afirma “Não tinha interesse por bruxaria quando fui para a terra Zande, mas os Azande tinham; de forma que tive de me deixar guiar por eles” (EVANS-PRITCHARD, 1978, p. 300), nem sempre é o sujeito pesquisador quem escolhe seu objeto de pesquisa. Apesar de eu ter feito inúmeras escolhas e assumido algumas renúncias, é preciso ressaltar o papel dos sujeitos desta pesquisa e dividir categoricamente a autoria do texto com os nativos; neste caso, especialmente com as crianças Pataxó.

Para tanto é preciso conferir legitimidade àquilo que o outro diz ou expressa de formas variadas. Essa legitimidade é o exercício primordial do fazer etnográfico. Ao propor a noção de “reversão”, Wagner (1981) afirma:

Uma antropologia que se recusa a aceitar a universalidade da mediação, que reduz o significado a crenças, dogmas e certezas, será empurrada para a armadilha de ter de acreditar ou nos significados nativos, ou nos nossos próprios. Não é de crença que se trata, mas de experiência, conceitos e teorias (WAGNER, 1981, p. 30).

A alteridade é o princípio que orienta e inflete, mas também limita a prática etnográfica (GOLDMAN, 2006). Não é sabido ao certo o quanto é possível apreender, compreender e revelar os saberes da vida singular dos nativos. O desafio maior é o de não assumir o ponto de vista nativo, mas compreender a lógica que se opera em seu *modus vivendi*.

Se tivéssemos de afirmar, da forma mais concisa possível, qual teria sido a contribuição da antropologia para as ciências humanas, minha resposta seria a de que o *corpus* formado pela etnografia de diferentes povos, em diferentes momentos e lugares, mostra, em primeiro lugar, que as pessoas em toda parte tomam como evidentemente verdadeiras suas ideias sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeia e, em segundo lugar, que o maravilhoso é que justamente o mundo habitado confirma em toda parte todos os variados entendimentos que formamos a seu respeito (TOREN, 2006, p. 450).

Buscar uma densa compreensão sobre a vida de outrem significa se dispor a ir além daquilo que pode ser observado e revelar a experiência compartilhada em campo daquilo que nos toca. Nos termos deleuzianos, o “devir-nativo” não significa assumir o ponto de vista do outro nem mesmo se tornar nativo, mas ser afetado pelas mesmas forças que os afetam (GOLDMAN, 2003). Favret-Saada (1990) pondera, ao afirmar que não se trata, porém, da apreensão emocional ou cognitiva dos afetos dos outros, mas, ao ser afetado por algo que afeta ao outro, pode-se estabelecer certa modalidade de relação concedendo um estatuto epistemológico a essas situações de comunicação.

Essa condição de ser afetado e de perceber aquilo que não se revela ao olhar se estabelece pela convivência propiciada pelo trabalho de campo. Por estarem todos (etnógrafo e nativo) “afetados”, cria-se uma situação de “comunicação involuntária” entre eles, que constitui a condição de possibilidade do trabalho de campo e da etnografia (GOLDMAN, 2008).

O devir-criança

Pesquisar com/as crianças é uma tarefa que revela inúmeras particularidades. Como o pesquisador invariavelmente é um adulto, é pertinente afirmar que o desafio de tal tarefa reside primeiramente no fato de que, sendo adultos, pesquisam-se as crianças. Nesse sentido, etnografar com crianças é um exercício de olhar o mundo por outra ótica, pelo ponto de vista das crianças. Esse convite ao passado, afinal, fomos criança um dia, é um difícil exercício de alteridade, em que nos colocamos dispostos a perceber o mundo por outra perspectiva, sem nos esquecer de que lugar falamos.

Ao discorrer sobre esse assunto, Pires (2007) explora diversas possibilidades metodológicas de se fazer pesquisa com as crianças. Em pesquisa³ realizada na Catingueira, no interior do estado da Paraíba, Brasil, a autora relembra que seu primeiro mecanismo de inserção social foram visitas aleatórias ao campo. Entre os Pataxó, logo nos primeiros contatos, a hospitalidade das crianças apresentando-me diversas pessoas e espaços da aldeia revelou um universo bastante promissor. Desde então, minha primeira estratégia de pesquisa foi ir ao encontro das crianças onde quer que elas estivessem. Diferentemente de Pires (2007), que tinha a própria casa em campo como um lugar privilegiado de encontro com as crianças, eu ia diariamente à procura delas. Apesar de não ter dificuldades para encontrá-las, o cotidiano da pesquisa era sempre imprevisível. Na mata, nos campos de futebol, no interior de suas casas ou em diversos outros espaços da aldeia, as crianças Pataxó davam o norte para o surgimento dos registros de campo.

As anotações eram feitas primeiramente em um pequeno bloco de papel, no qual se faziam registros sucintos dos fatos ocorridos ao longo do dia. Apesar de eu evitar fazer tais anotações na frente das pessoas, para não as constranger, por vezes, as crianças percebiam e elucubravam sobre meus escritos:

Pela manhã, assentei na varanda de casa de Mandubí, atrás de uma mureta, e fiquei observando e registrando o jogo de bola de Mibkoy (6) e Txakin (7) no pequeno trecho de grama, em frente à casa de Tapuritú. Mibkoy, percebendo minha atenção sobre eles, perguntou: “Tá anotando os gols aí?” (Notas de campo, 20 de abril de 2010).

3 Tese de doutorado em Antropologia pelo Museu Nacional defendida em 2007, intitulada *Quem tem medo do mal-assombro?: religião e infância no semiárido nordestino*. Essa tese etnográfica versa sobre o processo de tornar-se adulto em uma cidadezinha chamada Catingueira, onde, em grande medida, esse processo é constituído por um tornar-se uma pessoa religiosa. A presença dos mal-assombros é entendida, pelos adultos, como a alma dos mortos e, pelas crianças, como tudo aquilo que faz medo. Tornar-se adulto na Catingueira, portanto, implica restringir toda uma gama de possíveis mal-assombros a apenas as almas dos mortos. A hipótese da autora é que crescer implica processos de desbastamento religioso, conversão religiosa e cristianização.

Ao fim do dia, eu lia tais anotações e redigia o diário de campo em meu computador pessoal. Em suas pesquisas, alguns etnógrafos falam da relação de mediação estabelecida entre os sujeitos da pesquisa e seus cadernos de campo. Sousa (2015), ao pesquisar sobre/com as crianças Capuxu, afirma que seu *smartphone* não serviu apenas para gravar entrevistas, mas exerceu papel fundamental na socialização com as crianças, que o utilizavam para jogar, fazer fotografias, ver imagens, assistir a vídeos e ouvir músicas. Entre os Pataxó, o meu *laptop* assumiu função semelhante, pois, além dos meus registros de campo, por vezes, as crianças o pediam para gravar CD de músicas e requisitavam o computador para brincar com joguinhos. Como na escola da aldeia havia um ponto de recepção para internet, algumas pessoas solicitavam o computador para consultar *e-mails*.

Apesar de não ter tido dificuldade para transitar pelos espaços comuns da aldeia, a escola foi um lugar que particularmente tentei evitar. Apesar de ser um ambiente privilegiado de encontro com as crianças, eu não queria que estas estabelecessem algum tipo de contato que pudesse aludir à relação entre professor e aluno. Pires (2007) relata o desconforto que sentia quando era colocada, pelas professoras de religião, a assumir o papel de autoridade perante o grupo de crianças. Para evitar esse tipo de situação, priorizei encontros e registros em outros contextos da aldeia. Tentei estabelecer uma relação próxima e, ao mesmo tempo, isenta de responsabilidade e autoridade diante das crianças. Entretanto, sabiamente, as crianças “tiravam proveito” de minha presença para terem acesso a determinados lugares.

Txakin (7), Itxai (7) e Miruã (11) brincavam de carrinho em frente à casa de Kutxiã. Perguntei quem havia construído a pista, e Itxai respondeu que havia sido seu irmão, Miruã. Este, por sua vez, deu a ideia de interromper a brincadeira e ir pra quadra jogar bola. Itxai pediu a sua mãe, que autorizou que ele e seu irmão fossem. Txakin se entristeceu imediatamente. Em seguida, perguntei a ele: “Vamos lá também?”. O menino respondeu: “Não posso. Meu pai não deixa. Só posso ir com gente grande”. Miruã interveio: “Fala pra ele que você vai com o pesquisador”. Txakin respondeu: “Mas ele tá trabalhando”. Miruã insistiu: “Pede pra vó Dawê”. A avó do menino autorizou sua ida, e o garoto voltou a sorrir (Notas de campo, 20 de março de 2010).

Assim como as crianças aproveitavam de minha figura de adulto para poderem ter maior liberdade de trânsito e agência, também me vali da condição de um adulto, que tinha como interesse a pesquisa com crianças, para deixar-me levar por suas travessuras e peripécias.

Estávamos caminhando em direção ao Alto das Posses, e Akehe (13) disse que só poderíamos matar os passarinhos depois que passasse a casa de Nionnactim, cacique daquela aldeia. Quando chegamos próximo a uma casa na beira da estrada, fomos adentrando em sua direção. De repente, fomos surpreendidos pelo carro de Kayãbá, que chegava com Aiówatá. Não tivemos como nos esconder, e Aiówatá nos deu uma bronca danada: “Já falei que não é pra matar os passarinhos daqui!”. Rapidamente guardei meu estilingue no bolso e fingi estar apenas acompanhando os meninos (Notas de campo, 12 de junho de 2010).

4 Na transcrição da nota de campo optei por substituir meu nome por “pesquisador”.

Nessa situação, ao menos por um instante, pude experimentar a mistura de susto, medo e apreensão que as crianças Pataxó sentem quando são repreendidas. Gradativamente, uma cumplicidade entre mim e as crianças foi se estabelecendo. Conforme se sentiam à vontade comigo, não era mais preciso ir ao encontro das crianças, pois estas é que vinham convidar-me a fazer parte de seu cotidiano. Entretanto, essa afinidade não velava as distintas condições que tinham. Durante uma viagem que fizemos para a cidade de Engenheiro Caldas⁵, também no estado de Minas Gerais, isso ficou muito claro.

No sábado à noite, os meninos desceram para a praça devidamente paramentados para a apresentação da dança. Estavam todos em polvorosa, afinal, estavam fazendo o maior sucesso com as meninas da cidade. Achei interessante que os meninos começaram a “fugir” de mim para poder “paquerar” as meninas (Notas de campo, 24 de abril de 2010).

Estar constantemente entre as crianças, conviver diariamente com elas, não me isentou da condição de adulto. Houve momentos em que isso ficou evidente, e tive de tomar decisões e agir perante as crianças da mesma forma que se esperava que qualquer outro adulto o fizesse.

Estávamos saindo da quadra após um treino de futebol dos meninos, quando Tapitá (14) e Txupa (14) começaram a discutir. Não dei muita atenção, pois esse tipo de desavença não era rara entre eles. Entretanto, a discussão virou briga e, rapidamente, os meninos começaram a trocar socos e pontapés. Fiquei atônito e pensei em não intervir. De repente, Tapitá pegou uma pedra para atingir Txupa e, para evitar o pior, eu me coloquei entre eles e apartei a briga (Notas de campo, 16 de julho de 2010).

Naquela situação, tentei não interferir e esperar que os meninos resolvessem o problema sozinhos. Entretanto, tive receio de que o desfecho da briga tivesse resultados mais sérios e resolvi apartá-los. Além de ter ficado preocupado com a própria integridade dos meninos, temi também pela desaprovação de seus pais diante de uma possível omissão de minha parte. Essa laboriosa tarefa de agir assertivamente, assumindo papéis distintos diante de situações diversas, foi uma das habilidades que precisei desenvolver no estudo com as crianças Pataxó.

Retomando o ponto inicial, pesquisar com crianças sendo adulto é um constante “devir-criança”; algo que não se traduz como uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação (DELEUZE; GUATTARI, 1997), mas um permitir-se ao outro; especialmente, nesse caso, o outro criança.

5 Os Pataxó haviam sido convidados a participar de um evento que estava sendo organizado naquela cidade. Como estava em campo naquele momento, solicitei uma autorização à liderança da aldeia para participar da viagem.

O devir-antropólogo

A pesquisa antropológica, segundo Peirano (1992), depende, dentre outras coisas, da biografia do pesquisador, de suas opções teóricas, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia a dia no local da pesquisa entre pesquisador e pesquisados. A autora reitera afirmando que aprender a fazer pesquisa de campo é tarefa que não se ensina. Poder-se-ia aludir, com base nisso, que, se o trabalho de campo é algo que não pode ser ensinado, o local mais adequado para aprender a fazê-lo seria no próprio campo.

Ao lembrar a maneira como as pesquisas eram realizadas na década de 1960, Otávio Velho (2006) diz que o aprendizado naquela época era de natureza extremamente artesanal e prática, quase como em uma corporação de ofícios. Segundo ele, mal chegara ao Museu Nacional e já fora incorporado como aprendiz ao trabalho de campo de Roque Laraia junto aos índios suruí, no Tocantins, Brasil, em uma viagem que se iniciou juntamente com a família DaMatta, que se dirigia aos índios apinajés. Apesar de eu não ter tido um tutor em campo, ou seja, alguém com um histórico de pesquisa naquele contexto e que pudesse mediar minha inserção, posso afirmar que uma parte significativa de minha aprendizagem como etnógrafo se deve aos próprios Pataxó.

Colares (2019) afirma que o seu primeiro desafio ao pesquisar a migração entre crianças na fronteira entre México e os Estados Unidos foi uma quase infindável luta administrativa para garantir, enquanto servidora pública federal, tempo necessário para realização do trabalho de pesquisa. De maneira similar, precisei não apesar organizar o meu afastamento laboral, mas conquistar anuência das lideranças e toda a comunidade Pataxó.

Nesse sentido, a primeira lição aprendida foi como me relacionar com as mulheres da aldeia. Se Pires (2007) chama a atenção para as particularidades de ser adult(a) e pesquisar crianças, poder-se-ia, nesse caso, apontar alguns desafios de ser adult(o) e pesquisar crianças (indígenas). Nos mais variados contextos indígenas é recorrente o fato de que as crianças, principalmente em seus primeiros anos de vida, permanecem sempre próximas às suas mães⁶. Entre os Pataxó, não foi diferente, e a dificuldade posta a mim era que, para me aproximar das crianças, eu teria que, de alguma forma, aproximar-me das mulheres Pataxó. Para isso, algumas regras tácitas precisaram ser percebidas e aprendidas.

Acompanhar uma mulher casada com os olhos, fazer visitas a sua casa sem a presença do marido ou mesmo transitar a sós com uma mulher pela aldeia são atitudes desaconselháveis a um homem, principalmente um “de fora”. Apesar de esse tipo de comportamento ser mais rigoroso com as mulheres casadas, em meu caso, a regra valia também para as mulheres solteiras. Apesar de alguns percalços, assumi perante os Pataxó uma postura mais reservada, evitando o contato excessivo com as mulheres, procurando relacionar-me prioritariamente com os homens. Dessa forma, pude assumir algumas limitações impostas pelo fato de ser homem, mas também explorar os benefícios dessa condição. Se, por um lado, não era conveniente estar sistematicamente entre as mulheres, na intimidade de seus lares, por outro, pude estar presente em incursões nas matas, jogos de futebol dentro e fora da aldeia, e participar de conversas e assuntos restritos aos homens.

6 Esse fato é ratificado nos trabalhos de Cohn (2000) com as crianças xikrin do Bacajá; Nunes (1999, 2002) e Silva (2002) com as crianças xavantes; e Silva (2011) com as crianças xacriabás.

A aprendizagem dessas regras e maneiras de agir em campo é atribuída por Velho (2006) como um processo de *embodiment* (traduzível pelo neologismo “encorporação”) e de *skills* (desenvolvimento de habilidades), que envolvem transformações corporais no próprio processo de transmissão e aprendizado. Influenciado pela conferência proferida por Ingold, em janeiro de 2005, na Universidade de St. Andrews, Velho (2006) cita o antropólogo britânico para discorrer sobre o processo de aprendizado em campo:

A antropologia, talvez mais do que qualquer outra disciplina, diz respeito a aprender a aprender. Não é tanto o estudo de pessoas, e sim um modo de estudar com as pessoas, uma prolongada aula de mestre em que o noviço gradualmente aprende a ver as coisas, e, obviamente, aprende também a ouvi-las e senti-las do modo como o fazem os seus mentores. Uma educação em antropologia, portanto, serve não só para fornecer-nos conhecimento sobre o mundo, os seres humanos e as suas sociedades. Mais do que isso, ela educa a nossa *percepção* do mundo e abre os nossos olhos para outras possibilidades de ser (INGOLD, 2005 apud VELHO, 2006).

A partir desse aprendizado contínuo que o campo proporciona, optei por assumir posturas diferenciadas em algumas fases da pesquisa. No primeiro momento, busquei uma relação mais discreta no que diz respeito aos registros de campo. Segundo Cicourel (1980), se alguém for uma pessoa benquista entre os nativos, seu projeto será bem aceito; caso contrário, não haverá qualquer explicação que possa se dar que os convencerá disso. Dessa forma, optei por estar entre os Pataxó portando-me um pouco menos como pesquisador e mais como uma pessoa interessada em tudo aquilo que lhes dizia respeito. Durante um tempo, essa atitude foi benéfica, pois pude perceber que as pessoas passaram a ficar mais à vontade diante de mim e a minha presença passou a não incomodar tanto. Porém, em um dado momento, percebi que minha descrição começou a gerar dúvidas. As pessoas começaram a perguntar-me, direta e indiretamente, como é que eu fazia minha pesquisa. Desse momento em diante, optei por uma postura mais ostensiva e substituí meu discreto bloco de anotações por um caderno vistoso, com o qual passei a percorrer a aldeia e fazer diversos registros.

Estava observando as crianças jogando futebol em frente à casa de Pâkai, quando um dos pais dos meninos se sentou a meu lado. Depois de uma breve introdução na conversa, o senhor exclamou: “Então é aí que você anota suas coisas?” (Notas de campo, 22 de junho de 2010).

As entrevistas funcionavam como uma forma de colher informações e, ao mesmo tempo, informar aos Pataxó os detalhes da pesquisa. No decorrer das conversas parecia não estar claro quem era o entrevistador e o entrevistado, pois, na mesma medida em que eu fazia perguntas, outras tantas surgiam para eu responder. Da mesma forma em que eu pesquisava, eu também era pesquisado.

Estávamos terminando de fazer a colheita do feijão quando resolvi tirar umas fotos. Kâybok pediu que eu tirasse uma foto dele. Em seguida, começou a conversar comigo sobre a minha pesquisa, dizendo que achava muito interessante o que eu estava fazendo e que ele vinha me observando. Inebriado com alguns goles de cachaça que havia tomado, afirmou em um tom zombeteiro: “Eu tô pesquisando você!”. Rimos sem parar (Notas de campo, 22 de julho de 2010).

Esse interesse dos Pataxó por entender do que se tratava e de como estava sendo feita a pesquisa produzia os dados que os Pataxó lançavam mão para teorizar sobre mim e sobre aquilo que eu fazia. Essa aparente inversão de papéis é refletida por Goldman (2008) ao discorrer sobre a antropologia reversa wagneriana, a qual questiona que não devemos buscar simplesmente o fato absolutamente banal de que os nativos podem fazer a antropologia de nós mesmos e devemos perseguir a ideia de que essa inversão (evidentemente imaginada por nós) pode nos tornar capazes de desmontar e remontar os mecanismos essenciais de nossa antropologia por meio do que os nativos dizem de nós.

Para um pesquisador aprendiz, essa difícil tarefa de pesquisar sendo pesquisado e de estudar crianças sendo adulto é algo tão desafiador quanto fazer etnografia sem se constituir um antropólogo. Esse “devir-antropólogo” se traduz na busca por fazer ciência com base em uma experiência compartilhada ou, como diria Goldman (2006), é na disposição para viver uma experiência pessoal junto a um grupo humano com o fim de transformar essa experiência pessoal em tema de pesquisa que surge a forma do texto etnográfico.

A dimensão da experiência

É válido ressaltar que a produção de dados em uma pesquisa etnográfica se dá por diversas vias: por registros escritos, relatos orais, observação direta e também por meio das experiências sensoriais do próprio pesquisador. Obviamente, esses canais de informações não são independentes; pelo contrário, são complementares. Neste trabalho, no entanto, optei por ressaltar, nesse momento, a importância da produção de dados de uma pesquisa sobre as aprendizagens humanas pela via preponderante da experiência, tomando por base as relações sociais⁷ estabelecidas em campo.

As experiências advindas das diversas práticas abordadas pela pesquisa oscilaram entre um sentimento de familiaridade e estranhamento. Se o futebol me parecia bastante familiar, a caça, por sua vez, mostrou-se ser uma atividade completamente estranha e quase sempre inédita para mim. Nessa diversidade de experiências, busquei uma inserção efetiva nas tarefas para que pudesse falar sobre elas “de dentro”, ou seja, com base em vivências diretas com aquele conjunto de “fazeres”.

No simples ato de descascar um pedaço de cana-de-açúcar utilizando um facão, pude perceber, por minha falta de habilidade com aquele instrumento, as minúcias de uma tarefa tão banal para os Pataxó.

7 A compreensão sobre a noção do “social” vem da obra *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*, pela qual Latour (2005) desafia rever as noções de sociedade. O argumento do autor é que esse conceito, usado por cientistas sociais, tornou-se carregado de pressupostos que se aplicam a fenômenos para indicar um estado estável das coisas, um conjunto de laços que, em devido tempo, poderá ser utilizado para explicar outro fenômeno. O autor considera também que o termo “social” tem sido designado para descrever um tipo de material, uma forma comparável a um adjetivo. Contrapondo a esse pensamento, Latour (2005) mostra que o “social” não pode ser pensado como um tipo de material ou de domínio e retorna a seu sentido original para redefini-lo e permitir traçar novas conexões. Essa abordagem tornou-se conhecida como *actor-network-theory* e ajuda a entender que a noção de “social” não se restringe às conexões e agências estabelecidas pelo ser humano, mas também aos demais seres vivos e inanimados com os quais este convive.

Tapitá (14) estava na companhia de sua mãe chupando cana na porta de sua casa. Quando me aproximei, o menino me ofereceu um pedaço e acetei de pronto. No entanto, Tapitá me deu um pedaço ainda com casca e o facão para que eu pudesse descascá-lo. Com uma notável falta de habilidade, tentei descascar a cana de diversas formas, apoiando-a na perna (e quase me machuquei nesse momento), no banco de madeira e no chão. Após uma sessão de risadas, Tapitá se ofereceu para cortá-la pra mim. Agilmente, o menino retirou toda a casca da cana com o facão, sem qualquer apoio. A cada golpe na cana, o menino torcia o facão, diminuía seu ângulo de inclinação e deslizava o instrumento por toda a extensão do caule desgrudando sua casca; tudo isso em um movimento contínuo, harmonioso e rápido (Notas de campo, 22 de junho de 2010).

Minha inabilidade em usar o facão pôs em destaque a exímia maestria do menino no manejo daquele instrumento. Ingold (2000), em sua pesquisa com pastores na Finlândia⁸, enriquece sua análise por meio de suas experiências frustradas na tentativa de laçar os animais.

A atenção do agente, em outras palavras, é totalmente absorvida na ação. No entanto, as coisas podem dar errado durante a laçada: o laço pode perder o seu nó, as cordas podem embolar, os esforços dos pastores que trabalham na emboscada podem ser interrompidos e os animais podem até serem feridos. O pastor frustrado tem sua autoestima abalada, para não mencionar o abuso de seus companheiros (falo por experiência própria). Quando o fluxo é quebrado, tudo tem que começar novamente (INGOLD, 2000, p. 414).

Meu estranhamento perante a tarefa de descascar a cana-de-açúcar foi o subsídio necessário para a observação mais minuciosa sobre uma ação tão corriqueira para os Pataxó.

As informações produzidas por uma experiência prática revelam detalhes que o olhar não conseguiria traduzir com a mesma exatidão. Por diversas vezes, eu havia observado alguns Pataxó utilizando facões a aparar os gramados de suas casas. Achava bem intrigante, pois, em minha experiência de vida, nunca havia visto tal tarefa ser executada com aquele instrumento. Entretanto, aquele fato tomou dimensões mais profundas e detalhadas quando me dispus a participar de algumas dessas capinas. Logo nos primeiros minutos, pude perceber a real dimensão do desgaste imposto por aquela tarefa. Capinando sob o sol a pino, o suor parecia interminável, e minha boca permanecia seca o tempo todo. Antes de a tarefa caminhar para o fim, minhas mãos estavam repletas de pequenas bolhas, que se rompiam antes mesmo de se formarem por completo. A dor nas costas também sinalizava a desconfortável posição (ao menos para mim) necessária para executar os golpes rentes ao solo. A sensação era de que meu corpo não estava preparado para tal tarefa (como o era de fato).

8 Esta pesquisa foi realizada por Tim Ingold no distrito de Salla, no norte da Finlândia, em 1979-1980. Seu objetivo foi avaliar como a agricultura, silvicultura e criação de renas foram combinadas no nível de subsistência local para investigar as razões para o intenso êxodo rural na região e comparar os efeitos em longo prazo do reassentamento pós-guerra experimentada pelos Saami Skolt. Sua pesquisa no pastoreio e caça de renas no Círculo Polar Ártico levou a uma preocupação mais geral com as relações homem-animal, bem como com a antropologia comparativa dos caçadores-coletores e as sociedades pastorais.

Em sua pesquisa com pescadores da Vila do Sucuriju, no Amapá, Brasil, Sautchuk (2007)⁹ relata a importância de sua experiência pessoal na compreensão das práticas estudadas.

É o fato de ter acompanhado um arpoador em sua atividade – dirigindo a canoa, experimentando-me na habilidade com o arpão, ouvindo seus comentários sobre minha atuação – que pude apreender o tipo de interações com o peixe, os artefatos e o ambiente que essa posição envolve, além do percurso restrito e prolongado que leva alguém a assumi-la (SAUTCHUK, 2007, p. 22).

Na descrição da capina, pude trazer para o texto, além das observações e registros orais, a própria experiência com a prática. Na combinação desses dados, a escrita etnográfica parece tomar uma forma mais intensa e vívida.

Para além dos percalços e deslizes altamente produtivos que vivenciei ao longo do trabalho de campo, vale lembrar que, em outras situações, o papel do aprendiz inexperiente dava lugar ao veterano, possuidor de certa *expertise*. Isso ocorria majoritariamente nos treinos e jogos de futebol. Apesar das particularidades dessa prática reveladas no contexto Pataxó, minha experiência pregressa me colocava, perante os demais, como um praticante veterano. Isso, de certa forma, gerava dificuldades, pois o estranhamento necessário para a descrição de tal prática não ocorria de maneira tão imediata como em outros casos. Entretanto, a função desempenhada por mim no futebol proporcionou acesso a várias situações.

Às 18h, fomos jogar bola em Carmésia, contra o time de lá. Começamos o jogo perdendo e comigo na “de fora”. Com pouco tempo de jogo, Tapurítú pediu pra sair e acabei entrando no lugar dele. Logo nos primeiros minutos, senti um ofego, mas fiz um gol, o que levantou minha autoestima. Nosso time tinha um sério problema de marcação e, por várias vezes, fiz orientações para meus companheiros de time. O jogo ganhou muita dramaticidade no fim, mas, quando o árbitro apitou o encerramento da partida, senti um imenso alívio, pois o nosso time havia acabado de fazer um gol e virado a partida. Senti que joguei bem e ganhei o respeito de meus colegas de time (Notas de campo, 21 de abril de 2010).

9 O estudo de Sautchuk (2007) foi realizado na Vila do Sucuriju, no estado do Amapá, Brasil. Seu trabalho foi destinado à pesquisa de dois diferentes tipos de pesca, dos “laquistas” e dos “pescadores de fora”. Tomando a relação entre o técnico e o humano, o autor examina detalhadamente o fato de que, para além da eficiência produtiva e do domínio de um saber-fazer, o engajamento em atividades técnicas implica configurações particulares da pessoa.

Minha inserção no time de futebol fez com que eu fosse convidado a jogar com os Pataxó em diferentes locais, dentro e fora da aldeia. Essas partidas quase sempre eram sucedidas de conversas informais, regadas à cerveja e a petiscos, das quais dificilmente teria oportunidade de participar se não fosse um praticante experiente do futebol. Essa situação encontra paralelos com a experiência vivida por Vianna (2008) em sua pesquisa sobre o futebol entre os xavantes¹⁰.

Os [xavantes] da aldeia Abelhinha volta e meia retornam à formulação de que futebol é “coisa de branco”. [...] Há aí uma dimensão de valorização e disposição ao aprendizado com os “brancos”. Foi ela um dos pilares do relacionamento dos xavantes comigo, vale dizer, um dos viabilizadores da pesquisa. Ex-jogador, fui recebido como um aliado: informante, professor, companheiro de jogo, técnico, mediador potencial entre eles e o universo futebolístico ampliado. Na aldeia, fui convidado a dar dicas sobre o esporte, mostrei fotografias e falei de meu passado pessoal de futebolista, chegando a atuar, diariamente, como treinador. E fui, em dada ocasião, convocado a jogar pelo time de Abelhinha (VIANNA, 2008, p. 36).

Nesse trajeto de pesquisa, vi-me entre os Pataxó a assumir diversos papéis, funções e atribuições. Ao pesquisar com as crianças daquele contexto, percebi que quase sempre era convidado a procurar minhas respostas pelo viés da experiência. Essa produção de dados a partir da própria vivência com o “fazer nativo” é enfatizada por Michael Jackson (1989, p. 135 apud INGOLD, 2000, p. 167, tradução nossa), ao afirmar que:

Usando seu próprio corpo da mesma forma que outrem e no mesmo ambiente, encontra-se informações que podem ser interpretadas de acordo com seus próprios costumes ou estrutura, mas que continua a ser fundamentado em um campo de atividade prática que permanece em consonância com a experiência daqueles entre os quais se viveu.

É na fusão das informações vivenciadas pelo pesquisador, como aquelas expressas pelos seus informantes, que emerge o texto etnográfico. Nesse caso, o processo de produção de dados sobre as diversas aprendizagens compartilhadas com as crianças Pataxó deveu-se prioritariamente ao engajamento e à agência daqueles pequenos informantes no cotidiano de sua aldeia.

10 O livro *Boleiros do Cerrado* apresenta a trajetória de pesquisa de Fernando de Luiz Brito Vianna (2008) com os índios xavantes da aldeia Abelhinha, localizada na região de Sangradouro, no Mato Grosso. Sua pesquisa cruza várias antropologias: a do esporte, obviamente, mas também a da dinâmica entre o global e o local, e a das relações dos índios com o estrangeiro, no bojo de suas histórias recentes e de seus projetos de futuro. O trabalho apresenta os xavantes, cuja vida social tem o futebol como presença cotidiana, foco de divertimento e de disputas e como via de conexão com as cidades brasileiras; pela força de atração, entre outras coisas, da profissão de jogador.

Últimas palavras

Neste texto não se pretendeu produzir algo completamente inédito sobre a etnografia com crianças, tampouco exaurir as questões afeitas ao fazer etnográfico. A intenção primária foi contribuir para esse campo investigativo com crianças a partir de uma perspectiva analítica e compartilhada, observando as nuances que o trabalho de campo pode revelar.

Müller (2020) afirma que um de seus primeiros aprendizados em campo foi lidar com a falsa expectativa de que seria capaz de apreender toda a complexidade que o seu objetivo de estudo revelava. Reconhecer a incompletude de nossas pesquisas é tão fundamental quanto compreender o nosso próprio processo formativo.

Na pesquisa realizada com os Pataxó, pude debruçar-me sobre as formas de sociabilidade e aprendizagens das crianças daquele contexto, mas fui surpreendido quando os dados ali produzidos mostraram as aprendizagens pelas quais também estava envolvido como pesquisador. Se Peirano (1992) afirma que etnografia é algo que não se ensina, poderia concluir que, assim como as crianças Pataxó, não tive um tutor ou alguém que deliberadamente pretendesse ensinar-me o fazer etnográfico. Por conseguinte, posso inferir que parte significativa de minha aprendizagem como etnógrafo é devida aos próprios Pataxó.

Assim, tomo a liberdade de encerrar agradecendo esses amigos pela grandiosa contribuição em minha formação acadêmica e pela belíssima experiência de vida que me proporcionaram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARES, M. M. Kitoko Maxakali: a criança indígena e os processos de formação, aprendizagem e escolarização. *Revista AntHropológicas*, v. 15, n. 1, p. 49-78, 2011.
- CARVALHO, M. R. de. O Monte Pascoal, os índios Pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico. *Caderno CRH*, v. 22, n. 57, p. 507-521, 2009.
- CASTRO, M. S. M. de. **A Reserva Pataxó da Jaqueira: o passado e o presente das tradições.** 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- CESAR, A. L. S. **Lições de abril: construção de autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha.** 2002. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). **Desvendando máscaras sociais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 87-121.
- COHN, C. **A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado.** 2000. 188 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- COLARES, E. S. **Entre ir, (não) chegar e (não) voltar: as dinâmicas dos deslocamentos forçados de crianças centro-americanas e mexicanas para os Estados Unidos.** 2019. 245 f., il. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, v. 4, 1997.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande.** Tradução Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FAVRET-SAADA, J. Être affecté. **Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie**, n. 8, p. 3-9, 1990.
- GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 2, p. 423-444, 2003.
- _____. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. *Etnográfica*, v. 10, n. 1, p. 116-173, 2006.
- _____. Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia. *Revista Ponto Urbe* [online], n. 3, 2008. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1750>>. Acesso em: 9 maio 2019.
- INGOLD, T. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill.** London: Routledge, 2000.
- _____. **The 4A’s (Anthropology, Archaeology, Art and Architecture): reflections on a teaching and learning experience.** Conferência “Ways of Knowing”, Universidade de St. Andrews (Escócia), 13-15 jan., 2005.
- JACKSON, M. **Paths toward a clearing: radical empiricism and ethnographic inquiry.** Bloomington: Indiana University Press, 1989.
- LATOUR, B. **Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory.** Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LAVE, J; WENGER, E. **Situated learning: Legitimate peripheral participation.** Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

MÜLLER, F. **De Vereda ao Plano Piloto: uma etnografia das travessias no ônibus escolar**. 2020. 85 f. Monografia (Graduação em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

NUNES, A. **A sociedade das crianças A'wue-Xavante: por uma antropologia da criança**. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Inovação Educacional, 1999.

_____. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavantes. In: SILVA, A. L. da; NUNES, A.; MACEDO, A. V. L. S. (Org.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002. p. 64-99.

PARAÍSO, M. H. B. **Caminhos de ir e vir e caminho sem volta: índios, estradas e rios no sul da Bahia**. 1982. 329 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1982.

PEIRANO, M. G. S. A favor da etnografia. **Anuário Antropológico**, n. 130, p. 197-223, 1992.

PIRES, F. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, v. 50, n. 1, p. 225-270, 2007.

SAUTCHUK, C. E. **O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)**. 2007. 402 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, A. L. da. Pequenos 'Xamãs': crianças indígenas, corporalidade e escolarização. In: SILVA, A. L. da; NUNES, A.; MACEDO, A. V. L. S. (Orgs.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002. p. 37-63.

SILVA, R. C. da. **Circulando com os meninos: infância, participação e aprendizagens de meninos indígenas Xakriabá**. 2011. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SOUSA, E. L. de. As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. **Iluminuras**, v. 16, n. 38, p. 140-164, 2015.

TASSINARI, A. Concepções de infância indígena no Brasil. **Tellus**, n. 13, p. 11-25, 2007.

TOREN, C. Como sabemos o que é verdade?: o caso do Mana em Fiji. **Mana**, v. 12, n. 2, p. 449-477, 2006.

VELHO, O. **Trabalhos de campo, antinomias e estradas de ferro: aula inaugural proferida ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ, Rio de Janeiro**, 2006.

VERONEZ, H. T. P. Escolaridade e identidade cultural: a construção da educação indígena no extremo sul da Bahia. **Práxis Educacional**, v. 4, n. 5, p. 27-43, 2008.

VIANNA, F. J. B. **Boleiros do cerrado: índios xavantes e o futebol**. São Paulo: Annablume, FAPESP, ISA, 2008.

WAGNER, R. **The invention of culture**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

WIED-NEUWIED, M. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989, v. 156. (Coleção Reconquista do Brasil, 2ª série).

RESUMO

Este artigo pretende discutir as singularidades da pesquisa etnográfica com crianças e discute as nuances da aprendizagem do método etnográfico. Tais questões são fruto de uma pesquisa de mestrado realizada com as crianças Pataxó em uma das aldeias dessa etnia, nas proximidades da cidade de Carmésia, em Minas Gerais, Brasil. O propósito deste estudo foi revelar os processos de sociabilidade e aprendizagem dessas crianças em suas vivências cotidianas. Ao debruçar-se sobre essas aprendizagens, pôde dar-se conta das aprendizagens nas quais o pesquisador também estava envolvido. Assim como as crianças Pataxó, o investigador não precisou de alguém que deliberadamente pretendesse ensinar-lhe o fazer etnográfico. Apesar das leituras imprescindíveis e incessantes buscas por fontes de aprendizado do método, a assunção desse saber se concretiza na relação simbiótica e imprevisível entre o pesquisador e o campo. Neste texto, compartilham-se alguns pensamentos sobre o tornar-se etnógrafo fazendo etnografia com crianças.

Palavras-chave: etnografia, infância, Pataxó, aprendizagem.

Singularidades de ser etnógrafo, a partir de una etnografía con niños indígenas**RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo discutir las singularidades de la investigación etnográfica con niños y discute los matices del aprendizaje del método etnográfico. Estas preguntas son el resultado de una investigación de maestría realizada con niños Pataxó en uno de los pueblos de esta etnia, cerca de la ciudad de Carmésia, en Minas Gerais, Brasil. El propósito de este estudio fue revelar la sociabilidad y los procesos de aprendizaje de estos niños en sus vivencias diarias. Al observar estos aprendizajes, pudo darse cuenta de los aprendizajes en los que también estaba involucrado el investigador. Como los niños Pataxó, el investigador no necesitaba a alguien que pretendiera deliberadamente enseñarle a hacer etnografía. A pesar de las lecturas imprescindibles y la incesante búsqueda de fuentes para el aprendizaje del método, la asunción de este conocimiento se materializa en la relación simbiótica e impredecible entre el investigador y el campo. En este texto, compartimos algunas reflexiones sobre cómo convertirse en etnógrafo, hacer etnografía con niños.

Palabras clave: etnografía, infancia, Pataxó, aprendizaje.

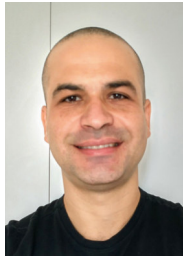
The particularities of becoming an ethnographer based on the ethnography with indigenous children**ABSTRACT**

This article aims to discuss the singularities of ethnographic research with children and discusses the nuances of learning the ethnographic method. These questions are the result of a master's research conducted with the Pataxó children in one of the villages of this ethnic group, near the city of Carmésia, Minas Gerais, Brazil. The purpose of this study was to reveal the sociability and learning processes of these children in their daily experiences. By addressing these learnings, it was possible to realize the learnings in which the researcher was also involved. Such as the Pataxó children, the researcher did not need someone who deliberately intended to teach him how to do ethnography. Despite the indispensable readings and incessant searching for learning sources of the method, the assumption of this knowledge materializes in the symbiotic and unpredictable relationship between the researcher and the field. In this text, we share some thoughts on becoming an ethnographer, doing ethnography with children.

Keywords: ethnography, childhood, Pataxó, learning.

DATA DE RECEBIMENTO: 06/01/2021

DATA DE APROVAÇÃO: 18/02/2022



Luciano Silveira Coelho

Mestre em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Doutorando em Educação (UFMG). Professor do Departamento de Ciências do Movimento Humano (DCMH) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Brasil, e líder do grupo de pesquisa Ciranda.

E-mail: luciano.coelho@uemg.br